

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

NA INDIA

“Um número demasiado grande de pessoas, de raças, de línguas, de deuses! Não entendi nada.”

Assim escreveu um americano sobre a Índia, e honestamente eu poderia dizer o mesmo. Duas semanas Índia abaixo e Índia acima não melhoraram muito nossa ignorância. Estivemos — Celso Sousa e Silva, Márcio Moreira Alves, Cláudio Abramo e eu — nas grandes cidades e em algumas aldeias. Fomos a Bombaim, Bangalore, Madras, Calcutá, Déli; visitamos fábricas moderníssimas e templos milenares; conversamos com gente da rua, com jornalistas e com o Presidente da República; lemos apressadamente jornais, revistas, livros, estatísticas. De tudo isso guardo uma espantada e tímida confusão que procurarei transmitir ao leitor.

EM PARIS

Mas é preciso dizer que antes passamos dois dias em Paris. Encontrei o Embaixador Mendes Viana discretamente otimista sobre o futuro imediato de nossas relações com a França. Não me contou grande coisa, mas do que disse-me ficou a impressão de que espera uma cooperação concreta e apreciável da França com o nosso País nestes dois anos.

COM JUSCELINO

Sem tempo para procurar outros exilados, o que farei na volta, estive com o Senador Juscelino. Está bem informado sobre o Brasil, de onde recebe montes de cartas. Seu escritório está sempre cheio de brasileiros — “até parece quando vou a Belo Horizonte” — e ele mantém, diante da imprensa francesa, uma discrição perfeita em relação à política brasileira. Pretende escrever um livro para ser publicado na França, um livro que dê ao leitor francês uma impressão do que é o nosso País.

Está também pensando em escrever um livro para ser publicado no Brasil. Este será decididamente político, e conterà revelações sobre o seu governo e, naturalmente, uma defesa do que fez. O título deste último livro talvez seja O Desenvolvimento É um Crime. Espera ainda acertar o calendário de suas conferências nos Estados Unidos para ir para lá, de onde regressará ao Brasil.

Perguntei-lhe se era verdade que pretendia se recolher a Belo Horizonte ou Diamantina, depois de chegar discretamente ao nosso País. Disse que, quando voltar ao Brasil, é para ver o maior número de pessoas, ter contatos, viver o momento brasileiro, embora com as limitações que a cassação do mandato e a suspensão dos direitos políticos impõem à sua atividade. Levou-me, em seu carro, que ele mesmo dirigia, de volta ao meu hotel. Atrapalha-se um pouco com o trânsito de Paris e já foi multado — mas disse que as autoridades francesas são benevolentes com o estrangeiro.

Um amigo dele contou-me depois sua emoção quando um guarda de trânsito, depois de interpellá-lo ferozmente por ter estacionado em lugar não permitido e pedir seus documentos, perguntou, depois de ler seu nome: — O de Brasília? — e o mandou embora em paz, batendo continência.

CIRCULAR DO ITAMARATI

Sobre este assunto nem o Embaixador Mendes Viana nem o ex-Presidente me disse nada, obviamente. Mas fui informado de que o Itamarati mandou aos chefes de missão uma circular reservada ou confidencial sobre as relações entre diplomatas brasileiros que servem no exterior e os exilados políticos, voluntários ou não. Nossos diplomatas devem evitar contatos com os exilados, a não ser em caso de morte ou doença grave. Fora disso, distância. E tudo isso “de ordem do Presidente da República”. Fico pensando na situação de um diplomata ao receber essa ordem que, em certos casos, o obriga a esnobar um ex-Presidente da República que o nomeou para aquele cargo ou o promoveu por merecimento...